



PSICOLOGÍA POSITIVA Y CICLO VITAL

**VINCULAÇÃO AOS AMIGOS E EXPLORAÇÃO VOCACIONAL:
UM ESTUDO COM ALUNOS DO 9º ANO DE ESCOLARIDADE****Vitor Gamboa*, Luís Sérgio Vieira* e Adélcia Taveira****

* Universidade do Algarve, Portugal

** Psicóloga

Vitor Gamboa (vgamboa@ualg.pt)

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Campus de Gambelas, 8005-139 Faro

Telf. +351 282 800 914

Universidade do Algarve, – Portugal

RESUMO

A exploração do self e do mundo ocupacional favorece a adaptabilidade no campo vocacional ao longo da vida (Blustein, 1997; Jordaan, 1963; Parsons, 1909; Super et al., 1996; Savickas, 2005; Savickas et al., 2009). Além disso, a literatura tem vindo a sustentar o papel do suporte e da vinculação no processo de exploração (Blustein et al., 1995), sendo de destacar os estudos que se debruçaram especificamente sobre o papel dos pares neste processo (Kracke, 2002; Kenny & Bledsoe, 2005), os quais salientam que relações fortes e seguras com os amigos conduzem a um incremento da actividade exploratória. No sistema educativo português, a conclusão do 9º ano constitui, do ponto de vista vocacional, um momento de transição e de tomada de decisão que, em certa medida, tem lugar nas relações estabelecidas com o grupo de colegas e amigos.

Neste âmbito, apresenta-se um estudo (N=76) que explora a relação entre a vinculação aos amigos e doze dimensões do processo de exploração vocacional (estatuto de emprego, certeza nos resultados de exploração, instrumentalidade interna, instrumentalidade externa, importância da posição preferida, exploração do meio, exploração de si próprio, exploração sistemática, quantidade de informação, satisfação com a informação, stress na exploração e stress na decisão). Os resultados das regressões lineares revelam que a vinculação aos amigos explica a variância em algumas das dimensões da exploração vocacional, nomeadamente na Instrumentalidade Externa, na Exploração de Si Próprio, na Exploração Intencional e Sistemática e no Stress relativo ao processo de exploração. As implicações destes resultados são discutidas no contexto da intervenção vocacional.

Palavras – Chave: Exploração vocacional, vinculação aos amigos, tomada de decisão, suporte social.



VINCULAÇÃO AOS AMIGOS E EXPLORAÇÃO VOCACIONAL: UM ESTUDO COM ALUNOS DO 9º ANO DE ESCOLARIDADE

PEER ATTACHMENT AND CAREER EXPLORATION

ABSTRACT

Individuals who engage actively in the exploration of self and of the occupational world make better career decisions (Jordaan, 1963; Parsons, 1909), resolve positively the vocational tasks during the life cycle (Blustein, 1997; Super et al., 1996), and adjust easily to the changes they experience in different contexts of life (Savickas, 2005; Savickas et al., 2009). Vocational literature highlights the role of support on career exploration (Blustein et al., 1995), and empirical research offers interesting results concerning the role of peers on this process (Kracke, 2002; Kenny & Bledsoe, 2005), which stressed that strong and secure relationships with friends leads to an increase in exploratory activity.

In this context, we present a study ($N = 76$) that explores the relationship between peer attachment and career exploration. The results of linear regressions analysis revealed that peer attachment predicts the variance in some dimensions of career exploration, including: External Instrumentality, Exploration of Self, Systematic Exploration and Stress on the Exploration process. The implications of these findings are discussed in the context of vocational intervention.

Key – Words: career exploration, career decision-making, social support, and peer attachment.

1. INTRODUÇÃO

Os indivíduos que se envolvem activamente na exploração do *self* e do mundo ocupacional ficam em melhores condições de tomar boas decisões (Jordaan, 1963; Parsons, 1909), de antecipar e resolver positivamente as diferentes tarefas vocacionais (Blustein, 1997; Super et al., 1996), e de se adaptar em função das mudanças que experimentam nos diferentes contextos de vida (Savickas, 2005; Savickas et al., 2009). Efectivamente, a exploração vocacional, que começou por ser entendida como um processo básico de pesquisa de informação (Patton & Porfeli, 2007), diz respeito, hoje em dia, a um processo psicológico complexo de recolha e de processamento da informação, com vista à prossecução dos objectivos vocacionais, sendo particularmente importante no âmbito dos processos de transição na carreira (Taveira, 2001). Além disso, a literatura tem vindo a salientar a necessidade de se estudar melhor a contribuição dos factores contextuais próximos na predição da variação do comportamento exploratório (Blustein, 1997; Flum & Blustein, 2000; Taveira, 1997; Taveira & Moreno, 2003), nomeadamente o papel dos sistemas de suporte e da vinculação (Blustein et al., 1995). A base teórica de muitos dos estudos que têm procurado esclarecer a influência dos factores contextuais na exploração vocacional resulta da aplicação das teorias relacionais ao domínio vocacional e da carreira (e.g., Blustein et al., 1995; Blustein & Noumair, 1996; Blustein, Schultheiss & Flum, 2004; Flum & Blustein, 2000; Flum, 2001; Schultheiss, 2003), as quais salientam o papel facilitador do suporte social, da vinculação e do apoio emocional, na exploração vocacional. Isto é, segundo as proposições teóricas das abordagens relacionais do desenvolvimento vocacional, os maiores níveis de envolvimento na exploração vocacional advém do sentimento de segurança que os indivíduos experimentam relativamente a todos aqueles que lhes são significativos. Na adolescência, a vinculação aos amigos passa a ser particularmente expressiva, denotando a relevância dos pares nos processos de validação horizontal (e.g., Flum, 2001) das decisões tomadas no domínio vocacional. Mais concretamente, parece ser a segurança proporcionada pelos amigos mais próximos que irá ajudar o adolescente a enfrentar as exigências e o stresse normalmente associados ao processo de exploração e de tomada de decisão, conduzindo a uma mais ampla e complexa integração do *self*.

Quando nos debruçamos sobre os estudos empíricos que analisaram o efeito dos pares na exploração vocacional (e.g., Kracke, 2002; Kenny & Bledsoe, 2005), os resultados sugerem que



PSICOLOGÍA POSITIVA Y CICLO VITAL

relações fortes e seguras com os amigos conduzem a um incremento da actividade exploratória, sobretudo na que se orienta para o meio (Felsman & Blustein, 1999). Neste âmbito, importa ainda referir que cerca de trinta por cento dos jovens reconhecem a influência dos amigos nas suas escolhas vocacionais (Pereira & Garcia, 2007). Por seu turno, o estudo de Felsman e Blustein (1999) demonstra que são os indivíduos que experimentam relações fortes e seguras que se envolvem mais frequentemente em explorações mais amplas do *self* e do ambiente, apresentando maiores progressos no compromisso com as escolhas e carreira. Em síntese, os resultados dos estudos empíricos referidos são consistentes com a literatura que advoga o papel das figuras de vinculação no desenvolvimento vocacional, principalmente na adolescência.

No sistema educativo português, a conclusão do 9º ano constitui, do ponto de vista vocacional, um momento de transição e de tomada de decisão que, em certa medida, tem lugar nas relações estabelecidas com o grupo de colegas e amigos. A preparação da transição para o ensino secundário constitui um momento particularmente importante no trajecto vocacional dos alunos, uma vez que as escolhas relativas à área de estudos determinam, em parte, as futuras opções no domínio escolar e profissional. Neste contexto, surge o principal objectivo deste estudo: analisar a influência da vinculação aos amigos mais próximos nas crenças, nos comportamentos e nas reacções de exploração vocacional.

2. MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram neste estudo 76 alunos que no ano lectivo 2007/2008 se encontravam matriculados no 9º ano de escolaridade (43 raparigas – 56.6 % e 33 rapazes – 43.4%), com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, situando-se a média da idade nos 15.11 anos (DP= 0.79). No que se refere ao nível sócio-económico, a maior parte dos alunos situam-se no nível médio (50%), ao qual se segue o nível baixo, com 48.7 %, e o nível alto, com apenas 1.3%. Quanto ao nível de escolaridade dos pais, verifica-se que a modalidade de resposta mais assinalada foi o 12º ano (pai = 27.6 %, mãe = 25 %).

2.2 Instrumentos

2.2.1. Questionário sócio-demográfico - com este questionário procurou-se caracterizar os participantes nos seguintes aspectos: idade, sexo, habilitações literárias e profissão dos progenitores, nível sócio-económico da família, e intenções de escolha relativamente às alternativas escolares e profissionais pós-9º ano.

2.2.2. Career Exploration Survey (CES – Stumpf et al., 1983; adapt. Taveira, 1997) - tem como principal finalidade proporcionar uma medida multidimensional do processo de exploração vocacional. Mais precisamente, a CES permite avaliar o constructo da exploração vocacional nos seus três componentes principais: as crenças de exploração (subescalas: Estatuto do emprego, Certeza nos resultados da exploração, Instrumentalidade externa, Instrumentalidade interna e Importância da posição preferida), os comportamentos de exploração (subescalas: Exploração de si, Exploração do meio, Exploração sistemática e intencional e Quantidade de informação) e as reacções de exploração vocacional (Satisfação com a informação, Stresse com a exploração e Stresse com a tomada de decisão). A versão portuguesa é composta por 54 itens, válidos para avaliar doze das dezasseis dimensões originais da escala (Taveira, 1997; 2001). Nos itens 1 a 43, as respostas são dadas numa escala tipo *Likert* de 5 pontos, na qual o 1 significa muito poucas vezes, ou muita pouca, e o 5 corresponde a muitas vezes, ou muitíssima. Assim, pontuações próximas de 1 reflectem baixa actividade exploratória, ou fracas crenças, ocorrendo o inverso quando estas se aproximam do outro extremo da escala. Por sua vez, nos itens 44 a 51, que dizem respeito às dimensões stresse com a exploração e stresse com a tomada de decisão, as respostas passam a ser dadas numa escala de tipo



VINCULAÇÃO AOS AMIGOS E EXPLORAÇÃO VOCACIONAL: UM ESTUDO COM ALUNOS DO 9º ANO DE ESCOLARIDADE

Likert de 7 pontos, na qual 1 corresponde ao experienciar de uma tensão mínima, enquanto o 7, pelo contrário, traduz muita tensão perante as situações apresentadas. No último item da escala (item 53) solicita-se que seja indicado o número de domínios profissionais já explorados. A validade, fidelidade e multidimensionalidade da escala já foram amplamente demonstradas, tanto na versão original (Stumpf, et al., 1983), como na versão portuguesa (Taveira, 1997).

2.2.3. Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA – Armsden & Greenberg, 1987) – trata-se de um inventário multidimensional, construído com o objectivo de avaliar o grau de ligação / apego que os adolescentes têm com os pais e amigos mais próximos. Mais concretamente, este instrumento contempla as dimensões afectivas (positivas e negativas) e cognitivas das relações dos adolescentes com os seus pais e amigos. No presente estudo são apenas consideradas as três medidas relativas à vinculação aos amigos: confiança, alienação e comunicação. As respostas são dadas numa escala de tipo Likert, na qual 1 corresponde a quase nunca ou nunca é verdade e 5 corresponde a quase sempre ou é sempre verdade.

2.3 Procedimentos de recolha e análise de dados

Este estudo contou com a participação dos alunos de quatro turmas do 9º ano de escolaridade de uma escola EB 2, 3, do Algarve. A aplicação dos questionários foi feita pelo terceiro autor do estudo, em contexto de sala de aula, depois de explicadas as finalidades da investigação e de lidas as instruções de preenchimento dos diferentes instrumentos. Em média, os alunos demoraram cerca de 15 minutos no preenchimento do conjunto dos instrumentos. Estamos perante um estudo que se pode designar de correlacional/diferencial (Almeida & Freire, 2003), uma vez que o essencial das análises de dados desenvolvidas se centra no estudo das relações entre as variáveis (estudo das associações e das diferenças) e na estimativa de coeficientes de determinação (geralmente representados por R²), ou seja, no cálculo da proporção da variabilidade de uma variável que é explicada pela variabilidade de uma outra (Maroco, 2003). Assim, depois da estatística descritiva e do estudo das correlações entre as variáveis, calcularam-se equações de regressão (hierárquica), nas quais as medidas vocacionais relativas à exploração entraram na qualidade de variáveis dependentes e a vinculação aos amigos como variáveis independentes.

3. RESULTADOS

Na Tabela 1. é apresentada a estatística descritiva, médias e desvios-padrão, bem como os valores das correlações das variáveis em estudo. Começando por analisar os valores médios relativos à exploração vocacional, constata-se que, no que se refere às crenças de exploração, o valor mais elevado diz respeito à medida Importância da Posição Preferida ($M=3.87$), enquanto que o valor mais baixo é o encontrado para a subescala Certeza nos Resultados da Exploração ($M=3.0$). Quanto à dimensão processos de exploração, é na subescala Quantidade de Informação que os alunos reportam os valores mais elevados ($M=3.48$), seguindo-se as subescalas Exploração de Si ($M=3.40$), Exploração do Meio ($M=3.30$) e Exploração Sistemática e Intencional ($M=2.54$). Por último, considerando as médias da dimensão reacções de exploração, o valor mais elevado encontra-se na subescala Stress com a Tomada de Decisão ($M=4.40$) e o mais baixo na medida Satisfação com a Informação ($M=3.36$). Em síntese, no que se refere à exploração vocacional, os alunos incluídos neste estudo consideram que têm bastante informação relativamente às profissões, embora a sua recolha não tenha sido feita de forma organizada e intencional. Além disso, o comportamento exploratório foi mais dirigido para o *self* do que para o meio ocupacional. No âmbito das crenças, são alunos que consideram bastante importante ocupar uma determinada posição profissional, embora esse objectivo não seja acompanhado de crenças muito favoráveis relativamente aos resultados da exploração. De notar ainda que os participantes deste estudo



PSICOLOGÍA POSITIVA Y CICLO VITAL

estão moderadamente satisfeitos com a informação e experimentam bastante stresse com a exploração e com a tomada de decisão. Nas medidas relativas à vinculação aos amigos, o valor médio mais elevado é observado na dimensão confiança ($M=3.92$), enquanto o mais baixo ocorre na dimensão alienação ($M=2.24$). Por outras palavras, a maior parte dos participantes deste estudo confia muito nos amigos e quase nunca se sente rejeitado pelos mesmos. Numa segunda fase da análise, foram desenvolvidos procedimentos para a exploração das relações entre as variáveis estudadas, nomeadamente entre as doze dimensões da exploração vocacional, a idade e as medidas da vinculação. Para tal, foram calculadas as correlações (Coeficiente produto – momento de Pearson) entre todas as medidas consideradas. De um modo geral, os valores observados ocorrem no sentido esperado, ou seja, crenças mais favoráveis surgem positivamente associadas ao comportamento exploratório e à satisfação com a informação. Igualmente importantes, no âmbito do presente estudo, são as correlações encontradas entre a exploração vocacional e as medidas relativas à vinculação. Neste caso, assinalamos por ordem decrescente as seguintes correlações: Comunicação x Instrumentalidade Externa ($r=.35$); Comunicação x Stresse com a exploração ($r=-.33$); Confiança x Exploração sistemática e intencional ($r=.28$); Alienação x Exploração de si próprio ($r=.25$) e Confiança x Exploração do meio ($r=.24$).

Tabela 1. Médias, desvios-padrão e correlações das variáveis em estudo

	Média (DP)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1. Idade	15.11 (.79)															
2. Estatus Emprego	3.61 (.64)		-.23*													
3. Crenças Resultados Exploração	3.00 (.96)		-.04	.56**												
4. Instrumentalidade Externa	3.58 (.55)		-.09	.36**	.32**											
5. Instrumentalidade Interna	3.72 (.69)		-.03	.31**	.34**	.68**										
6. Importância Posição Preferida	3.87 (.88)		.04	.25**	.43**	.44**	.41**									
7. Exploração do Meio	3.40 (.81)		.02	.20	.22	.31**	.22	.10								
8. Exploração de si	2.54 (.83)		.03	.07	.40**	.34**	.45**	.41**	.28*							
9. Exploração Sistemática	3.48 (.74)		-.17	.25**	.23*	.28**	.36**	.24*	.26*	.15						
10. Quantidade Informação	3.36 (.82)		-.16	.54**	.53**	.24*	.29*	.30**	.39**	.30**	.28*	.02**				
11. Satisfação com a informação	3.92 (1.07)		-.15	-.12	-.06	-.14	-.12	.03	.01	.00	.07	-.08	-.24*			
12. Stresse Exploração	4.40 (1.52)		-.19	-.02	.05	.02	-.06	.00	.15	.00	-.04	-.3	-.32**	.59**		
13. Stresse Tomada de Decisión	3.92 (.73)		-.06	.05	.00	.20	.22	.17	.24*	-.02	.28*	.3	.03	.07	.04	
14. Confiança	2.24 (.86)		.00	.05	.08	.03	.07	.13	-.22	.25*	-.07	-.07	-.04	.12	.00	-.12
15. Alienação	3.47 (.82)		.04	.20	.15	.35*	.29*	.17	.11	.18	.20	-.09	.19	-.33**	-.14	.46**
16. Comunicação																.01

A etapa seguinte na análise dos dados procura responder à principal finalidade deste estudo – conhecer o efeito da vinculação aos amigos ao nível das diferentes dimensões da exploração vocacional. Para tal, calcularam-se equações de regressão, nas quais as 3 dimensões da vinculação aos amigos entraram na qualidade de variáveis independentes (Comunicação, Alienação e Confiança), enquanto na qualidade de variáveis dependentes entraram sucessivamente as 12 dimensões da exploração vocacional.

**VINCULAÇÃO AOS AMIGOS E EXPLORAÇÃO VOCACIONAL: UM ESTUDO COM ALUNOS DO 9º ANO DE ESCOLARIDADE****Tabela 2.** Síntese das regressões hierárquicas para o cálculo do efeito da vinculação aos amigos nas dimensões da exploração vocacional (N=76)

Variável Preditora		Variável Dependente
Comunicação	$\beta = .284$	Instrumentalidade externa ($R^2 = 6.8\%$)
Zanga / alienação	$\beta = .261$	Exploração de si próprio ($R^2 = 5.5\%$)
Confiança/compreensão	$\beta = .268$	Exploração intencional ($R^2 = 5.9\%$)
Comunicação	$\beta = -$	Stresse com a exploração ($R^2 = 10.8\%$)
	.347	

Observando a Tabela 2, constata-se que a vinculação explica a variância de apenas 4 das doze dimensões da exploração vocacional. Assim, a comunicação com os amigos parece predizer a crença de que a exploração do meio pode favorecer a consecução dos objectivos vocacionais e diminuir o stresse experimentado no âmbito das actividades de exploração. No que diz respeito à confiança, esta dimensão prediz a variância da exploração sistemática e intencional, ou seja, os alunos que julgam receber maior apoio dos amigos investem na exploração do meio e de si próprios de forma mais organizada e auto-determinada. Por último, a alienação surge como o único preditor da exploração de si próprio. Por outra palavras, as dificuldades relacionais com os amigos beneficiam, de certo modo, uma exploração mais introspectiva ou voltada para o *self*.

4. DISCUSSÃO

O objectivo deste estudo foi analisar o impacto da vinculação aos amigos em doze dimensões da exploração vocacional. No que se refere à exploração vocacional, importa referir que os valores médios se situam em torno do ponto intermédio da escala de resposta, sugerindo actividade exploratória relativamente baixa, apesar de estarmos na presença de alunos que estão a concluir o ensino básico e a preparar a transição para um novo ciclo de estudos. No entanto, os valores observados na dimensão reacções de exploração estão de acordo com as proposições teóricas de que os processos de transição, ainda que normativos e desejados, possam fazer-se acompanhar de uma aumento da ansiedade (Blustein, 1988, 1997; Jordaan, 1963; Super et al., 1996; Kalakosi & Nurmi, 1998; Taveira, 2001). De facto, apesar de assinalarem estar relativamente satisfeitos com a informação recolhida, os participantes deste estudo apresentam níveis bastante elevados de ansiedade no que se refere à tomada de decisão de carreira. Esta situação, por si só, lembra que a informação obtida não se traduz de forma directa no progresso na tomada de decisão (Germeijs & Verschueren, 2006), justificando, do nosso ponto de vista, as iniciativas que, neste âmbito, são levadas a cabo pelos psicólogos que trabalham em contexto educativo. A este propósito, importa ainda assinalar que o resultado do processo exploratório está de certo modo comprometido, uma vez que os valores relativos à intencionalidade e sistematicidade da exploração são relativamente baixos. Passando a analisar as relações entre vinculação aos amigos e exploração, de uma forma global os resultados suportam a nossa expectativa de que a vinculação se relaciona positivamente com a exploração, ainda que neste estudo essa relação apenas tenha ocorrido com quatro das doze dimensões consideradas. A confiança relaciona-se positivamente com o comportamento de exploração, enquanto a comunicação ajuda a contrariar o stresse experimentado na tomada de decisão. Este conjunto de resultados é consistente com o que sugere a literatura (Flum & Blustein, 1999; Flum & Blustein, 2000; Flum, 2001), e alguns estudos empíricos levados a cabo nos últimos anos (e.g. Araújo, 2007; Kenny, Blustein, Chaves, Grossman e Gallagher, 2003; Ketterson & Blustein, 1997; Kracke, 1997; Kracke & Schmitt-Rodermund, 2001;



PSICOLOGÍA POSITIVA Y CICLO VITAL

Kracke, 2002). Ou seja, o suporte e os ensinamentos dos pares podem constituir um factor facilitador da resolução das tarefas vocacionais, promovendo a actividade exploratória. Particularmente curioso é o facto de a alienação predizer a exploração de si próprio. Neste caso, quanto mais isolado um adolescente se sente, mais introspectivo tende a ser no domínio da exploração vocacional. Como lembra Jordaan (1963), um dos atributos da exploração é a sua orientação, a qual pode estar mais focalizada no *self* ou no meio. Neste caso, o importante será garantir que os alunos não reduzem a actividade exploratória ao *self* e com a ajuda de amigos, familiares e técnicos, tornam-se capazes de progressivamente incorporar no processo decisório elementos relativos ao mundo ocupacional. Em síntese, o estudo que aqui se apresentam encontra eco nas teorias relacionais do desenvolvimento vocacional e oferece suporte às intervenções vocacionais que procuram incluir a colaboração dos amigos na construção dos itinerários vocacionais dos jovens em idade escolar.

REFERÊNCIAS

- Almeida & Freire (2003). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Araújo, N. (2007). *Suporte parental e projectos vocacionais em adolescentes*. Tese de Mestrado em Psicologia (área de especialização em Psicologia do Desenvolvimento Vocacional) apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Armsden & Greenberg (1987). The inventory of parent and peer attachment: individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427-454.
- Blustein, D. L. (1988). The relationship between motivational processes and career exploration. *Journal of Vocational Behavior*, 32, 194-203.
- Blustein, D. L. (1997). A context - rich perspective of career exploration across the life roles. *The Career Development Quarterly* 45, 260-274.
- Blustein & Noumair (1996). Self and Identity in career development: Implications for theory and practice. *Journal of Counseling and Development*, 74, 433-441.
- Blustein, Prezioso & Schultheiss (1995). Attachment theory in career development: current status and future direction. *The Counseling Psychologist*, 23, 416-432.
- Blustein, Schultheiss & Flum (2004). Toward a relational perspective of the psychology of careers and working: a social constructionist analysis. *Journal of Vocational Behavior*, 64, 423-440.
- Felsman, D., & Blustein, D. (1999). the role of peer relatedness in late adolescent career development. *Journal of Vocational Behavior*, 54, 279-295.
- Flum, H. (2001). Relational Dimensions in Career Development. *Journal of Vocational Behavior*, 59, 1-16.
- Flum, H., & Blustein, D. L. (2000). Reinvigorating the study of vocational exploration: a framework research. *Journal of Vocational Behavior*, 56, 380-404.
- Germeijs & Verschueren (2006). High School Students' Career Decision-Making Process: A Longitudinal Study of One Choice. *Journal of Vocational Behavior*, 68, 189-204.
- Jordaan, J. P. (1963). Exploratory behavior: the formation of self and occupational concepts. In D. E. Super & R. Starshesky & N. Matlin & J. P. Jordaan (Eds.), *Career Development: self-concept theory* (pp. 42-78). New York: College Entrance Examination Board.
- Kalakoski, V., & Nurmi, J. E. (1998). Identity and educational transition: age differences in adolescent exploration and commitment related to education, occupation and family. *Journal of Research on Adolescence*, 8, 29-47.
- Kenny, M., & Bledsoe, M., (2005). Contributions of the relational context to career adaptability among urban adolescents. *Journal of Vocational Behavior*, 66, 257-272.

**VINCULAÇÃO AOS AMIGOS E EXPLORAÇÃO VOCACIONAL: UM ESTUDO COM ALUNOS DO 9º ANO DE ESCOLARIDADE**

- Kenny, M., Blustein, D., Chaves, A., Grossman, J., & Gallagher, L. (2003). The role of perceived barriers and relational support in the educational and vocational lives of urban high school students. *Journal of Counseling Psychology*, 2003, 142-155.
- Ketterson, T. U., & Blustein, D. L. (1997). Attachment relationships and the career exploration process. *The Career Development Quarterly*, 46, 167-178.
- Kracke, B. (2002). The role of personality, parents and peers in adolescents career exploration. *Journal of Adolescence*, 25, 19-30.
- Kracke, B., & Schmitt-Rödermund, E. (2001). Adolescents' career exploration in context of educational and occupational transitions. In J.-E. Nurmi (Ed.), *Navigating through Adolescence: European Perspectives* (pp. 141-165). New York: Routledge Falmer.
- Maroco, J. (2003). *Análise estatística - com utilização do SPSS* (2^a Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Parsons, F. (1909). *Choosing a Vocation*. Boston: Houghton Mifflin
- Patton & Porfeli (2007). Career exploration, In Skorikov & Patton (Eds), *Career development in childhood and adolescence* (pp. 47-70). Rotterdam: Sense.
- Pedro, J. D. (1984). Induction into the Workplace: The Impact of Internship. *Journal of Vocational Behavior*, 25, 80-95.
- Savickas, M. (2005). The theory and practice of career construction. In S. Brown & R. Lent (Eds.), *Career Development and Counseling: Putting Theory and Research to Work* Hoboken, NJ: Wiley.
- Savickas, Nota, Rossier, Dauwalder, Duarte, Guichard, Soresi, Van Esbroeck, van Vianen. (2009). Life designing: A paradigm for career construction in 21st century, *Journal of Vocational Behavior*, 75, 239-250.
- Schultheiss (2003). A relational approach to counselling; theoretical integration and practical application. *Journal of Counseling and Development*, 81, 301-310.
- Super, D. E., Savickas, M. L., & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown & L. Brooks & Associates (Eds.), *Career choice and development* (pp. 121-170). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Taveira, M. C. (1997). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens. Estudo sobre as relações entre a exploração, identidade e a indecisão*. Unpublished Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.
- Taveira, M. C. (2001). Exploração vocacional: teoria, investigação e prática. *Psychologica*, 26, 55-77.
- Taveira, M. C., & Moreno, M. L. R. (2003). Guidance theory and practice: the status of career exploration. *British Journal of Guidance & Counselling*, 31, 189-207.